

O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: TRABALHANDO O GÊNERO CONTO

Aline de Azevedo Gaignoux (UERJ)
alinegaignoux@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo visa a abrir o debate sobre o espaço para o texto literário no ambiente escolar. Apresentar-se-á uma proposta didática de leitura realizada com uma turma do ensino fundamental II. O gênero conto e o 9º ano foram o eixo para o trabalho com a leitura e a escrita. Esse ano foi eleito por ser a última etapa do ensino fundamental. Nessa fase, teoricamente, os alunos já tiveram contato com diversos gêneros textuais e já estudaram (e produziram) textos com diferentes modos de organização do discurso: narração, exposição, argumentação, injunção, descrição. A escolha do gênero se justifica por ser este um texto mais curto, possibilitando a leitura em sala com a turma. O *corpus* se compõe de contos de dois grandes autores brasileiros: Machado de Assis e Lima Barreto. O objetivo principal deste trabalho é apresentar atividades realizadas em sala de aula com o gênero selecionado, visando à formação do leitor e ao desenvolvimento da produção escrita, ressaltando a importância do texto literário no contexto escolar. Defende-se, portanto, que o trabalho com os contos pode ser um estímulo para desenvolver o gosto e, se possível, ao prazer da leitura, o enriquecimento vocabular e, por conseguinte, para o amadurecimento da escrita.

Palavras-chave: Conto. Leitura. Escrita. Ensino.

1. Introdução

Esta pesquisa nasceu de muitas dúvidas e de uma inquietude constante. Dúvidas referentes à minha prática em sala de aula; inquietude que me acompanha há muitos anos, desde que percebi que não conseguia entender o mundo e comecei, então, a procurar alguma resposta na literatura.

A leitura sempre foi a minha paixão, a escolha do curso de letras misturou-se a esse sentimento e ao amor pelo ensino. Dessa forma, ao iniciar minha carreira no magistério, muitos projetos e muitas vontades

me dominavam. A realidade da sala de aula, contudo, não correspondia exatamente aos sonhos e às projeções que carregava ao receber o diploma. Esse choque pode tanto aniquilar as expectativas criadas pelo jovem professor para sua prática quanto pode fazer com que ele tente buscar outras formas de ensinar. Nesse caso, o melhor caminho é o estudo e a pesquisa. O professor, em qualquer nível de ensino, precisa estar sempre estudando, refletindo e se questionando. As dúvidas e os questionamentos são, pois, fundamentais para a prática docente.

Quando a prática se refere às questões de leitura e escrita, tão cruciais no ensino em geral, os questionamentos são ainda mais intensos. Como trabalhar a leitura e a escrita no ensino fundamental II? Como formar jovens leitores? Como despertar o gosto pelo texto literário? Como trabalhar a produção do texto escrito com os jovens? Essas dúvidas constituíram o ponto de partida para esta dissertação. Minha paixão pela literatura dava-me a certeza de que ela era essencial e não poderia ficar fora da sala de aula; a forma como ela deveria ser trabalhada, porém, ainda não estava clara.

Pesquisar a questão do texto literário como um todo no segundo segmento pareceu-me um tema amplo demais para uma dissertação, basicamente considerando o tempo destinado a uma pesquisa que, por si, exige certo fôlego. À vista disso, decidi fazer um recorte, definindo a série e o gênero textual que seriam o foco de meu trabalho.

Escolhi o 9º ano por ser esta a última etapa do ensino fundamental, ou seja, a fase em que, teoricamente, os alunos já tiveram contato com diversos gêneros textuais e já estudaram (e produziram) textos com os diferentes modos de organização do discurso (narração, exposição, argumentação, injunção, descrição). Por conseguinte, o trabalho com a leitura do gênero escolhido e a produção escrita pelos alunos poderiam ser mais aprofundados, pois algumas questões relevantes, como a distinção entre os modos de organização e as características principais do gênero, já teriam sido desenvolvidas nos anos anteriores.

A escolha do gênero e a seleção do *corpus* foram pontuadas por questões pessoais e metodológicas. Optei pelo conto, primordialmente, por três motivos: ser um dos gêneros de leitura que mais me agradam; apresentar uma narrativa curta que possibilita a leitura em sala com a turma e haver textos escritos por meus autores brasileiros preferidos: Machado de Assis e Lima Barreto.

Os contos que constituem o *corpus* desta dissertação foram selecionados a partir do material didático utilizado na escola onde trabalho, bem como de minha escolha pessoal. Na apostila adotada pelo colégio, havia uma proposta de trabalho com o conto “A cartomante”, de Machado de Assis e uma de leitura complementar do conto “A causa secreta”, do mesmo autor. Para completar a seleção dos contos machadianos, escolhi o conto “O enfermeiro”. Em relação a Lima Barreto, a escolha dos textos partiu exclusivamente da minha vontade de apresentar esse autor aos alunos. Decidi, então, trabalhar com a obra *Clara dos Anjos e Outros Contos*, como leitura extraclasse. O livro é composto por oito textos: “Clara dos Anjos”, “O pecado”, “Um especialista”, “Uma conversa vulgar”, “O moleque”, “O caçador doméstico”, “Cló” e “Miss Edith e seu tio”, dos quais “Clara dos Anjos”, “Um especialista” e “O caçador doméstico” foram lidos por mim em sala de aula, a partir da proposta dos círculos literários, apresentada nesta pesquisa.

Um dos propósitos da escolha dos autores em questão, além de meu interesse pessoal, era mostrar que tais escritores podem e devem ser lidos no ensino fundamental. A grande questão encontra-se na maneira de apresentar aos alunos os textos por eles escritos. O mais importante, contudo, nessa primeira etapa do trabalho com autores clássicos, é o contato com textos de inegável valor literário. É importante lembrar que estamos falando de um *processo*: a formação do leitor.

Nesse sentido, Cosson (2009, p. 35) afirma que

A diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.

O autor ressalta ainda que

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares. (COSSON, 2009, p. 35-36)

Nessa perspectiva, o objetivo principal desta pesquisa é apresentar uma proposta didática para o trabalho com o gênero conto na sala de aula, visando à formação do leitor e o desenvolvimento da produção escrita, ressaltando a importância do texto literário na sala de aula, com base em experiência efetivamente vivida com os alunos.

Defende-se a hipótese de que a leitura em sala de aula não pode ser uma atividade esporádica e corriqueira nem a escrita deve ser apenas uma obrigação escolar, sem sentido e sem função. Em relação à leitura, esta deve ser feita, segundo orienta Pennac (1993), em voz alta pelo professor e entendida como uma prática constante. A escrita, por sua vez, deve estar relacionada a um propósito comunicativo – o que dizer, por que dizer, para quem dizer.

Produtores e receptores de texto (ouvinte/leitor – falante/escritor) todos devem colaborar para um mesmo fim e dentro de um conjunto de normas iguais. Os falantes/escritores da língua, ao produzirem textos, estão enunciando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente. A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas. Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção textual como uma atividade sociointerativa. (MARCUSHI, 2008, p. 77)

A leitura deve ser vista, portanto, como uma atividade de produção de sentido, e a escrita, como produção textual que leva à interação social, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Ler e escrever são processos de interação entre autor, texto e leitor.

Nessa concepção, aprender a ler – técnica, psicológica e filosoficamente – é se posicionar no mundo, nas palavras da autora citada, “é uma tomada de posse do mundo nessa civilização da escrita, em qualquer suporte” (ANTUNES, 2009, p. 59).

Nessa perspectiva, a concepção de língua que subjaz a esse trabalho é aquela que a entende como lugar de interação, isto é,

A noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o *caráter ativo* dos sujeitos na produção mesma do social e da interação defendendo a posição de que os sujeitos reproduzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir (KOCH, 2002, p. 15).

A partir das concepções expostas, a presente pesquisa busca evidenciar a importância do trabalho com o texto literário na escola, apre-

sentando atividades realizadas com uma turma de 9º ano do ensino fundamental II de uma escola particular no bairro da Gávea, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. É importante destacar que a turma em questão era composta por nove alunos, número que possibilitou plena realização e acompanhamento das atividades propostas, o que não significa dizer que tais atividades não possam ser desenvolvidas em classes com maior número de estudantes.

2. *O texto literário na escola*

A escola é o ambiente natural em que os alunos mergulham no mundo das linguagens escritas, é o espaço onde os estudantes devem ter contato com diferentes textos de gêneros variados. Contudo, como esse “mergulho” deve acontecer? De que forma a escola pode ampliar o contato do aluno com as diversas manifestações culturais escritas de nossa sociedade? De acordo com Antunes (2009), esse processo deve ocorrer: pelo estímulo a uma cultura do livro; pela fartura de um bom e diversificado material de leitura; pelo acesso fácil e bem orientado a esse material; pela diversidade de objetivos de leitura; pela frequência de atividades de ler e de analisar materiais escritos; pela formação do gosto estético na convivência com a literatura.

A leitura, nessa perspectiva, é um projeto social inadiável, uma conquista possível. Uma competência em permanente construção, uma porta de entrada para novos mundos. É, pois, um caminho para a verdadeira inserção na sociedade, e o texto literário é um dos principais aliados nessa conquista.

A importância do trabalho com a literatura na sala de aula é ressaltada pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) de língua portuguesa do ensino fundamental:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário (1998, p. 36-37).

Compagnon (2012, p. 37) entende a literatura como um exercício de reflexão e experiência de escrita, que responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. O autor salienta que “é graças à *mimeses* – traduzida hoje por *representação* ou por *ficção*, de preferência *imi-*

tação – que o homem aprende, ou seja, pelo intermédio da literatura entendida como ficção.”. Nesse sentido, o texto literário deleita e instrui.

Considera ainda o poder da literatura em face da alienação e da opressão: “a literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder” (COMPAGNON, 2012, p. 42). Para ele, o texto literário desconcerta, incomoda, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque faz apelo às emoções e à empatia.

Compagnon (2012) defende ainda que a literatura oferece um conhecimento capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas. Dessa forma, ela nos ensina a melhor sentir. Segundo o autor, “é um exercício de pensamento, e a leitura, uma experimentação dos possíveis” (COMPAGNON, 2012, p. 66-67).

Para Cosson (2009, p. 16),

A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental pra constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, também é de todos.

A questão do ensino da leitura literária envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita: o estético. Cabe, portanto, à escola formar leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Para Cosson (2009, p. 17),

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita pela palavra narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizemos a nós mesmos.

Desse modo, a literatura possui a função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas. Necessita, portanto, ocupar um lugar especial na escola.

Essa visão da literatura na escola suscita práticas de sala de aula voltadas para o letramento literário dos alunos de modo a ampliar as competências mais significativas para as atividades sociais, interativas e de encantamento, envolvendo atividades de fala, escuta, leitura, escrita, análise.

Nessa prática, portanto, a produção literária teria um lugar de destaque: seria uma forma de vivenciar o gosto pela apropriação dos bens simbólicos e estéticos que constituem o patrimônio nacional, uma vez que, pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo.

À vista do exposto, o cuidado por desenvolver a competência de leitura dos gêneros textuais que mais constantemente circulam na sociedade (e-mails, avisos, anúncios, entre outros) não deve enfraquecer o empenho em promover o convívio com diferentes gêneros literários. Conforme lembra Antunes (2009, p. 30), “a história de nossa travessia, ao longo dos séculos, está refletida também no grande *intertexto* que constitui nosso acervo literário”.

A importância da literatura para a formação do indivíduo é evidenciada por Barthes (2007, p. 17-18):

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.

A partir das reflexões expostas, conclui-se ser inegável a importância do texto literário na escola. Formar leitores e desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem de priorizar.

É preciso ressaltar, contudo, que não se nasce com gosto pela leitura, do mesmo modo que não se nasce com o gosto por coisa nenhuma. O ato de ler não é, por conseguinte, uma habilidade inata. Se isso é verdadeiro para a leitura de textos não literários, também o é para a leitura de “fruição do belo”, que ultrapassa os interesses imediatos das exigências sociais e profissionais. O prazer que o texto literário pode proporci-

onar é apreendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivenciado.

Nessa tarefa, o papel do professor é fundamental, na medida em que é ele que, concretamente, dá visibilidade ao ato de ler. É o professor que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, comenta-o, informa sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas, evidenciando sua experiência de leitor.

O professor é, dessa forma, o mediador entre o aluno e o livro. A afinidade entre o professor e a leitura favorece a mediação. Dificilmente um aluno será seduzido pelo discurso de alguém sem relação estreita com o texto e que não experimentou e degustou o produto ofertado. É quase impossível que o desejo de ler um livro possa ser despertado por um não leitor.

Para formar um leitor, é primordial que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação, relação iniciada a partir da ligação que professor estabelece com o texto apresentado ao aluno. Elogiar o livro não é, todavia, suficiente para convencer os estudantes de que ler é bom e útil: a intenção pode ser válida, mas a teoria sem experiência não resolve. Os alunos precisam entender a leitura como atividade interessante e motivadora, o que se realiza, na escola, pela apresentação de textos que despertem sua atenção; pela oferta de livros que, inicialmente, abordem assuntos de seus interesses, se aproximem de sua linguagem. Posteriormente, no processo de amadurecimento do leitor, outras leituras vão surgindo, aumentando, aos poucos, o grau de complexidade e a postura crítica exigida pelo texto a ser lido.

O leitor maduro se constrói por meio das diversas leituras feitas ao longo da vida. E esse processo deve começar na escola, visto que, segundo Geraldi (2008, p. 99),

A qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade. Parece-me que deveremos – enquanto professores – propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós?

A maturidade de leitor é construída ao longo da intimidade com uma variedade considerável de textos. Leitor maduro é aquele para quem

cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros e de seu mundo.

Cabe ao professor quebrar algumas barreiras e, primeiramente, compartilhe o universo que o aluno conhece e por ele se interessa. Desprezar tais leituras é afastar-se ainda mais do jovem leitor, dificultando o trabalho com a formação literária desse leitor.

O professor não pode esquecer que, conforme ensina Pennac (1993, p. 22), um romance conta, antes de tudo, uma história; portanto, deve ser lido como um romance: “saciando primeiro nossa ânsia por narrativas”. Recuperar na escola e trazer para dentro dela o prazer da literatura é o ponto essencial para o sucesso de qualquer esforço de incentivo à leitura.

É fundamental ressaltar que, em todas as atividades voltadas para a formação de leitores, não se pode perder de vista a importância da criteriosa seleção dos textos e da prática de leitura em voz alta pelo professor. Como já citado anteriormente, “o enredo enreda o leitor”, e a forma de narrar também desperta a vontade de conhecer uma história. O destaque dado aqui pela maneira de narrar deve-se ao fato de ser o gênero conto o foco da presente pesquisa.

Ler textos literários possibilita ao leitor o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza trazida pela ficção, pela fantasia e pelo sonho, expressos por um jeito de expressão singular, carregado de originalidade e encanto.

O texto literário não pode, portanto, ser desconsiderado pela escola, principalmente nas aulas de língua portuguesa. O professor deve entender a leitura como prática intrínseca à sala de aula. Nessa perspectiva, o conto, gênero do domínio literário, pode ser um recurso para o estímulo ao gosto pela leitura e, conseqüentemente, ao enriquecimento vocabular e ao amadurecimento da leitura e, às vezes, da escrita e, quem sabe, chegar ao prazer de ler.

3. O gênero em questão

Segundo Magalhães Júnior (1972, p. 9), além de ser a mais antiga expressão da literatura de ficção, “o conto é também a mais generalizada, existindo mesmo entre povos sem conhecimento da linguagem escrita”.

De acordo com o autor, aqueles que reduziram os primeiros contos orais à forma escrita limitaram-se, em geral, a recolher criações anônimas, que outros, mais tarde, reescreveriam, à sua maneira, ampliando, enriquecendo e embelezando, “seguindo à risca o velho provérbio: quem conta um conto, aumenta um ponto” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p. 10).

A finalidade primeira desse gênero literário é narrar uma história, que tanto pode ser breve como relativamente longa, obedecendo num e noutro caso a certas características próprias do gênero.

O conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia dos personagens nem nas motivações de suas ações. Ao contrário, procura explicar aquela psicologia e essas motivações pela conduta dos próprios personagens. A linha do conto é horizontal: sua brevidade não permitiria que tivesse um sentido menos superficial. Já o romance, em vez de episódico, como o conto, é, ao contrário deste, uma sucessão de episódios, interligados. E exige do autor tratamento diverso, quer na apresentação dos acontecimentos, quer no estudo dos personagens. O romance explora-os em sentido vertical, com uma profundidade a que o conto não pode aspirar. Outra distinção, em que insistem alguns críticos e ensaístas literários, é a de que o conto geralmente narra um acontecimento pretérito, ao passo que o romance historia um acontecimento ou série de acontecimentos no tempo presente, à medida que estes se desenrolam (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p. 10-11).

O trabalho com esse gênero na sala de aula pode contribuir para despertar no aluno tanto o desejo pela leitura quanto pela análise textual, levando-o a perceber as marcas linguísticas que contribuem para a textualidade e para interpretação do texto. O gênero em questão pode ser, portanto, um poderoso aliado tanto no desenvolvimento da competência textual do aluno. Atividades que levem o aluno a perceber as características do gênero bem como diferenciar os tipos de conto, por exemplo, podem, efetivamente, desenvolver não só a capacidade de reconhecimento do gênero estudado, bem como propiciar, pelo olhar crítico, a formação das preferências de leitura. O formato atual do conto como narrativa curta constitui uma das vantagens para o trabalho desse gênero em sala de aula.

4. *Trabalhando o gênero na sala de aula*

Neste capítulo, serão apresentadas algumas atividades realizadas em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, a partir de contos de dois autores clássicos da literatura brasileira: Machado de Assis e Lima Barreto. A escolha desses autores não foi aleatória; ao contrário, foi mo-

tivada pelo desejo de poder proporcionar aos alunos dessa turma o contato com narrativas de alto valor literário, visando, em primeiro lugar, a despertar nesses estudantes o prazer que o texto literário pode provocar.

Todo o trabalho foi conduzido a partir da ideia dos círculos literários (que também podem ser chamados de rodas de leitura), nos quais a leitura em voz alta pelo professor (leitor-guia) era o ponto de partida para a realização das atividades. A ideia dos círculos vincula-se às propostas de leitura defendidas por Pennac (1993), em *Como um Romance*, e Yunes (2009), em *Tecendo um Leitor, uma Rede de Fios Cruzados*.

A primeira atividade foi um trabalho de pesquisa. Antes da leitura dos contos selecionados, os alunos buscaram informações sobre a obra e a biografia de Machado de Assis e Lima Barreto. A turma foi separada em dois grupos (é válido lembrar que estamos falando de uma classe composta por nove alunos, por isso dois grupos foram suficientes para a pesquisa). Cada grupo ficou responsável por um autor. No dia previamente marcado, os grupos fizeram a exposição para a turma, e coube a mim, professora da classe, trazer mais informações. Imagens das capas de alguns livros e fotos também foram utilizadas.

Após essa etapa, iniciou-se a leitura dos contos. O primeiro foi “A cartomante”. Para realizar a atividade proposta, o conto foi dividido em quatro partes. As duas primeiras foram lidas em uma aula, e as outras, em duas aulas diferentes.

Na primeira parte da história, as personagens Rita e Camilo conversavam sobre a cartomante que Rita havia procurado. As personagens foram apresentadas indiretamente e o tipo de relação existente entre Rita, Camilo e Vilela não estava claro. Dessa forma, após a leitura, os alunos foram solicitados a elaborar (oralmente) hipóteses sobre a relação existente entre as personagens, baseando-se apenas nas ações e falas apresentadas no excerto lido. No 2º parágrafo desse fragmento, a personagem Rita apresenta uma prova de que a cartomante podia prever o futuro. A partir dessa passagem, a turma debateu sobre a validade de tal prova – questão importante para o desenvolvimento do enredo e, principalmente, para o desfecho.

A segunda parte do conto revelava a verdadeira ligação entre Camilo, Rita e Vilela. O trecho encerrou-se com o bilhete de Vilela para Camilo. Após a leitura desse fragmento, a conversa com a turma girou em torno das características psicológicas das personagens. Os alunos foram solicitados a descrever (oralmente) as três personagens principais:

Camilo, Rita e Vilela. Hipóteses sobre o verdadeiro intuito do bilhete foram levantadas pelos alunos.

A terceira parte descrevia o trajeto de Camilo para a casa de Vilela, durante o qual o primeiro acaba consultando a cartomante de Rita. Após a leitura dessa parte, foram destacados os pormenores das descrições, as minúcias e os detalhes com que o narrador acompanhava o trajeto de Camilo. Os alunos foram questionados sobre os efeitos de sentido dessas descrições. Houve uma discussão sobre os sentimentos que dominavam Camilo após a leitura do tal bilhete. O clímax do conto ocorreu exatamente nesse fragmento. Esse elemento da narrativa foi identificado e trabalhado com a turma.

Após a leitura dessas três partes, uma produção escrita foi proposta: antes de conhecerem o desfecho original do conto, os alunos escreveram um desfecho para história. Essa atividade foi realizada individualmente na sala de aula. O desfecho deveria ser coerente com a história lida até aquele momento. Antes de escrever, os alunos refletiram sobre os seguintes aspectos: Camilo estava confiante; a cartomante o havia tranquilizado; ele, então, seguiu para casa de Vilela. O que aconteceu? A cartomante realmente acertou?

Após a produção do desfecho, a quarta parte, o desenlace da história, foi lida, e os estudantes conheceram o final original do conto. Houve, então, uma discussão sobre ele, na qual os alunos estabeleceram comparações entre os finais produzidos por eles e o final do autor. Por fim, houve um debate a partir da seguinte pergunta: o desfecho confirma ou desmente a frase de Hamlet citada no início do conto?

Depois da leitura do conto em questão, das discussões e das atividades realizadas, os alunos escreveram um comentário pessoal sobre essa leitura, enfatizando as impressões sobre esse primeiro contato com a obra machadiana.

O segundo conto machadiano escolhido foi “A causa secreta”. A atividade envolvia a leitura em sala e a discussão sobre a história. As características psicológicas das personagens, em especial as do protagonista, e a relação delas com a construção do conto constituíram o foco do debate. Os alunos foram convidados a relatar suas impressões sobre o enredo, sobre as personagens e suas ações. Após os relatos, o foco do debate passou a ser o título do conto e sua relação com a narrativa lida.

“O enfermeiro” foi o último conto de Machado de Assis lido com a turma. Após a leitura em sala, organizou-se um júri simulado. Para a realização dessa atividade, a turma foi dividida em dois grupos: um grupo defendeu o enfermeiro, Procópio, sustentando a hipótese de luta entre ele e a vítima; o outro, o acusou, defendendo a hipótese de crime.

Após tempo estabelecido para a definição dos argumentos, que deveriam ser criados a partir dos acontecimentos narrados no texto, o julgamento foi iniciado. A apresentação dos argumentos foi realizada, nesse momento, oralmente. Após o debate entre os grupos, estes produziram um texto escrito, de caráter argumentativo, a partir da hipótese defendida: luta ou crime?

Os contos de Lima Barreto selecionados – “Clara dos Anjos”, “Um especialista” e “O caçador doméstico” – são alguns dos que compõem a obra *Clara dos Anjos e Outros Contos*, adotada como leitura extraclasse. Os textos selecionados foram lidos em sala com a turma, sempre acompanhados de discussão sobre o texto, na qual os alunos deveriam se posicionar oralmente sobre as questões levantadas. A questão racial e a luta contra o preconceito – temas frequentes da obra de Lima Barreto – fomentaram quase todas as discussões. Estabeleceu-se uma ponte entre a obra e a vida do autor, a partir, principalmente, do material pesquisado pelos alunos na primeira atividade. Houve espaço também para reflexões acerca da linguagem do autor, bem como das questões estruturais relativas ao gênero textual estudado.

A discussão após a leitura do conto “Um especialista” iniciou-se a partir da apresentação das personagens no início da história. Os alunos foram levados a expor oralmente traços da personalidade do Comendador Mota e do Coronel Carvalho e relacioná-los aos acontecimentos narrados. Após essa atividade, o debate girou em torno do papel da mulher negra no conto em questão, relacionando esse papel à época em que foi escrito o conto e à própria biografia do autor. Os alunos utilizaram trechos para discutir a questão do preconceito racial. Em seguida, a discussão voltou-se para o final irônico do texto, bem como a relacionar o título do conto com os fatos narrados.

No que diz respeito ao estudo do conto “O caçador doméstico”, na condição de mediadora, propus que fosse iniciado a partir do emprego da expressão “teimosia escravagista”, logo no início do texto, relacionando-a ao enredo. Após esse momento, os alunos descreveram a personagem principal da história – Simões –, discutiram o hábito estranho deste e re-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

lacionaram-no ao título. Por fim, a discussão girou em torno do desfecho de Simão. Os estudantes se posicionaram em relação aos acontecimentos relatados e comentaram a ironia, mais uma vez presente, no final da leitura em questão.

O conto “Clara dos Anjos”, que além de figurar no título, é o primeiro apresentado na obra, motivou a produção de um texto escrito. Como o desfecho dessa narrativa não relata o que acontecera com a personagem Clara, após a revelação da gravidez para sua mãe, os alunos foram levados a imaginar o que haveria ocorrido, criando um final diferente para o texto. As perguntas que nortearam a produção foram as seguintes: Como o pai de Clara reagiu ao descobrir a gravidez? e O que aconteceu com Clara?

Após o estudo dos três contos de Lima Barreto, foi realizado um debate sobre a questão do racismo no Brasil atual. Os alunos refletiram sobre o lugar social do negro na época de Lima Barreto e nos nossos dias. A pergunta norteadora desse debate foi a seguinte: ainda há racismo no Brasil?

As atividades desenvolvidas se encerraram com duas produções escritas: uma narrativa completa e uma avaliação pessoal sobre a relação dos alunos com a leitura. Essas produções foram escritas a partir de roteiro pré-estabelecido.

Para a produção da narrativa, envolvendo os contos de ambos os autores, os estudantes guiaram-se pelo seguinte roteiro:

Narrador: observador Personagens: Rita (<i>A cartomante</i>) e Clara dos Anjos Espaço: Rio de Janeiro Conflito: livre
--

Para a reflexão sobre a sua relação com a leitura, o roteiro apresentava as seguintes perguntas:

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none">1) Você gosta de ler?2) Que tipo de leitura prefere?3) Você lê livros não indicados pela escola?4) Com que frequências lê jornais?5) Você estuda apenas pelos apontamentos feitos em aula? Ou também pelos livros?6) De 1 a 5, que nota você atribui à sua capacidade de compreensão e interpretação de leitura? |
|---|

Essa proposta foi realizada no fim do ano letivo, a partir de uma atividade da apostila adotada pelo colégio e apontada nas referências bibliográficas.

É preciso assinalar que as atividades de produção textual escrita sempre se iniciavam com o planejamento do texto, o velho e conhecido rascunho. Após essa etapa, os alunos eram orientados a efetuar a revisão do próprio texto e, em seguida, reescrevê-lo. Somente depois desses estágios, o texto chegava à sua forma final. Essas etapas (rascunho, revisão, reescritura, versão final) são defendidas por Bernardo (2010, p. 39):

Obviamente defendo o rascunho. Não acredito na inspiração. Acredito no esforço múltiplo de uma pessoa, que faz e desconfia do que faz, refaz e desconfia do que refez, até esgotar aquele movimento numa obra, num produto, de modo a partir para outros que devem ser feitos e refeitos. Para a redação, este esforço tem seu ponto no rasgar. Não, é claro, no rasgar desiludido que abandone o ato. Sim no rasgar ansioso e ativo, que instante contínuo reescreve.

Para o autor, a autonomia da escrita se dá justamente no “rasgo”: rasgar o papel, repensar as ideias, reescrever o texto. A transição da imitação de modelos ensinados e lidos para a autoria somente se estabelecerá a partir do esforço múltiplo.

5. *Considerações finais*

Este artigo teve como objetivo maior apresentar um projeto de leitura no qual as atividades propostas contribuíssem para a aproximação dos alunos do texto. Para tanto, elegemos o gênero conto como representante da infinita gama de textos, por percebermos características, como sua curta extensão, que facilitariam o desenvolvimento das atividades.

Nosso interesse em realizar esta pesquisa consistiu em buscar nos contos selecionados a possibilidade de levar os alunos a perceberem a expressividade da língua e, possivelmente, desenvolver o gosto e o prazer de ler, além de auxiliar o desenvolvimento da produção escrita.

Comprovamos a hipótese inicial de que o convívio regular com os textos literários pode resultar em mudanças do ponto de vista da apropriação da língua, já que, ao final do ano letivo, a maioria dos alunos envolvidos revelou mais interesse pela leitura, avanços significativos nas estratégias de argumentação oral e escrita, mais facilidade na organização de ideias e evidente enriquecimento vocabular. O contato frequente com esse domínio discursivo colaborou positivamente para as práticas de escri-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ta, bem como proporcionou mais segurança na produção oral, pois, ao longo do ano, nos círculos literários realizados, os estudantes eram convidados a expressar suas ideias e suas opiniões, fato que contribuiu sensivelmente para elaboração de textos nas duas modalidades.

Defendemos, nesta pesquisa, que o professor deve incorporar em sua rotina a prática da leitura em voz alta. Ler textos para os alunos é uma atividade de suma importância e não pode ser algo esporádico em função do desenvolvimento que certamente acarreta.

A leitura de textos escritos, no nosso caso específico o narrativo, deve estar voltada para a explicitação de marcas quanto à forma e ao conteúdo do texto em função das características do gênero, do suporte, do autor, do contexto, bem como para a seleção de procedimentos de leitura em função dos diferentes objetivos e interesses do sujeito: estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa.

A prática de produção de textos escritos, por sua vez, deve sempre levar em conta a condições de produção: finalidade, especificidade do gênero, lugares preferenciais de circulação, interlocutor eleito, e a utilização de procedimentos diferenciados necessários, para a sua respectiva elaboração: estabelecimento de tema, levantamento de ideias e dados, planejamento, rascunho, revisão, versão final. É necessário lembrar que o aluno precisa entender o processo de escrita como um momento de interação, ou seja, escrever com um propósito planejado e definido.

Buscamos, afinal, com as atividades apresentadas, formar leitores ou, ao menos, comprovar que a leitura literária, além de poder vir a ser considerada pelos alunos uma atividade de lazer, possibilita o contato com novas realidades, reflete nova visão de mundo e permite o convívio com a língua em sua mais rica manifestação.

Nossa pesquisa não ambicionou apontar soluções únicas para a mediação na escola nem esgotar possibilidades de práticas na sala de aula a serem desenvolvidas. A leitura é um tema inesgotável; dessa forma, pesquisas nesse campo são necessárias, pela possibilidade de ampliar a visão do professor em relação à utilização do texto literário como atividade natural. Esperamos também ter podido contribuir para que outros docentes percebam a importância da literatura e a levem para o ambiente escolar da forma mais prazerosa possível, conscientizando o jovem de que leitura deve estar presente não apenas na escola, mas na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos e outros contos*. Organizado por Ivan Marques. São Paulo: Scipione, 2011.
- BARTHES, R. *Aula*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BERNARDO, G. *Redação inquieta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAGALHÃES, J. R. *A arte do conto*. Rio de Janeiro: Boch, 1972.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- PARÂMETROS curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1998 <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 05-11-2013.
- PENNAC, D. *Como um romance*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor, uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.